

OUTUBRO DE 1979

Música Popular

Carlos FELIPE

Um quente fim de semana

Belo Horizonte está vivendo, nestes dias, uma efervescência musical difícil de se acreditar. Sobre o Baile do Montanhez estamos falando na primeira página. No La Taberna está o João Carlos. No Teatro Imprensa O Sagrado Coração da Terra. No Francisco Nunes, Marília Barbosa, Vital Lima e Belchior. Hoje e amanhã, no Palácio das Artes, Charles Aznavour. No DCE da Federal, Alceu Valença. Sábado na Católica, João Boa Morte e Flavio Antônio. No Três da Tarde, domingo, no Parque Municipal, Irio Coral e Orquestra, Waldir e seu grupo e o KI Samba Show em Samba, Suor e Gafieira e o Grupo Raízes, além de dois convidados superespeciais que ninguém gostaria de deixar de ver e aqui vai um recado para o pessoal mais jovem: pode ir que a barra é limpa mesmo, às 3 da tarde de domingo. Nos dias 8, 9 e 10, no Palácio das Artes, Fagner. No mesmo local, nos dias 9 e 10, outro estrangeiro, Freddy Cole, irmão de Nat King Cole. Como se vê, é programação para ninguém botar defeito. Mas é bom destacar algumas coisas.

Sobre Aznavour, a gente está falando em outra parte deste caderno. Falemos então sobre Belchior. Tomando como referência o seu último disco lançado pela WEA, o mínimo que se pode dizer é que o moço deu a volta por cima, assumiu integralmente sua linha musical não nordestina necessária, chegando a cantar: "Saia do meu caminho, eu prefiro andar sozinho, deixem que eu decida a minha vida. Não preciso que me digam de que lado nasce o sol porque bate lá meu coração". Em outro ponto, Belchior vai mais além, cantando: "Esta é a minha canoa: eu nela embarco. Eu sou pessoa. A palavra pessoa hoje não soa bem. Pouco me importa! Não! Você não me impediu de ser feliz. Nunca jamais bateu a porta em meu nariz. Ninguém é gente. Nordeste é uma ficção. Nordeste nunca houve. Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos! Não sou da nação dos condenados, não sou do sertão dos ofendidos. Você sabe bem. Conheço o meu lugar".

E um Belchior mais maduro e muito mais consciente e até melhor cantor do que antes.

Marília Barbosa, revelação da Grande Chance há alguns anos atrás, tem um timbre



Belchior, Marília e Vital Lima no Pixinguinha

vocal agradável e suave, conseguindo realizar um bom dueto com o nasalado Belchior (agora menos do que antes) e com Vital Lima, cantor mais novo que, recentemente, gravou o seu primeiro elepê.

Pelos três e pela banda que os acompanha, o Projeto Pixinguinha começou bem em Belo Horizonte.

Outro a merecer destaque é Alceu Valença. Cantor agressivo, alguém que lutou muito para chegar ao estrelato, que tentou várias vezes até, finalmente, explodir no "Vou danado pra Catende".

A última vez que vimos Alceu foi no Pixinguinha do ano passado e foi um negócio maravilhoso, um cantor forte, agredindo e fazendo a plateia agitar inteiramente, principalmente o público jovem que tem nele um dos seus grandes ídolos.

Em disco, Alceu consegue — e é um dos poucos que chegam a isso — ter o mesmo poder de galvanizar ouvintes como faz com as platéias.

No DCE da Federal, à rua Gonçalves Dias, certamente, ele é uma das melhores opções deste fim de semana.

Sobre o Três da Tarde falaremos mais no sábado, mas, desde já, destaquemos uma coisa: o Irio Coral e Orquestra, da cidade de Lavras, que virá com 30 pessoas. Acima de todos paira a figura do regente e fundador do grupo, um dos maiores instrumentistas brasileiros, que toca (não falei "arranha", viu gente?) 16 instrumentos. Ele vai tocar no parque "apenas" oito. Além disso, no Três da Tarde, teremos o Raízes, o Samba, Suor e Gafieira, e duas supresas estupidas.

BELO HORIZONTE/MG